

A MÚSICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
THE MUSIC AT THE PORTUGUESE CLASS TEACHING

ALYNE RENATA DE OLIVEIRA¹
CLÁUDIA HELENA DAHER¹
FABIANE DE ALMEIDA MELO¹
GRAZIELLA LEVANDOSKI NIMA¹
MARIA ANTÔNIA DE SOUZA²
1 Acadêmica do Curso de Letras - UEPG
2 Professora do Departamento de Méto-
dos e Técnicas de Ensino da UEPG

RESUMO

Este trabalho é fruto da pesquisa realizada em escolas de Ensino Fundamental da cidade de Ponta Grossa, especialmente na 8ª. série e no âmbito da Língua Portuguesa. A intenção deste texto é mostrar como tem sido realizado o trabalho com a música nas escolas, bem como a presença das músicas nos livros didáticos. Foi possível constatar que o trabalho com a música tem apresentado facetas tradicionais ao lado de facetas críticas, indicando que há um processo de transição paradigmática em desenvolvimento.

Palavras-chave: música; sala de aula; paradigmas; prática pedagógica

1. Introdução

Este artigo foi produzido a partir de uma pesquisa realizada no âmbito da disciplina Investigação Científica, durante o 1º ano do curso de Letras, na Universidade Estadual de Ponta Grossa. O objetivo da pesquisa foi identificar a utilização da música no ensino de Língua Portuguesa, em classes de 8ª série, do Ensino Fundamental. O trabalho foi realizado em algumas escolas da rede pública e particular, da cidade de Ponta Grossa. Neste artigo, o objetivo central é destacar aspectos relacionados ao tipo de música e metodologia adotada pelos professores de Língua Portuguesa, na tentativa de pensar alternativas de ensino. Para realizar tal discussão, o texto de Fernandes (1993), que apresenta os fundamentos teóricos presentes na utilização de recursos audiovisuais, música e imagem, no ensino da Geografia, foi fundamental no sentido de que indica três paradigmas curriculares que influenciam a prática pedagógica em sala de aula. Assim, foi possível pensar tais paradigmas no contexto do trabalho com a música em sala de aula, no ensino da Língua Portuguesa.

Os referenciais teóricos relacionaram-se à discussão a respeito do tema “música e Língua Portuguesa” e “música e Literatura”. Os conteúdos de livros didáticos de Língua Portuguesa foram analisados, atentando para a presença da música no mesmo. Foram entrevistados professores que atuam na 8ª série, com a disciplina Língua Portuguesa, com o intuito de verificar quais os motivos que influenciam na utilização da música em sala de aula, bem como quais são as principais músicas trabalhadas e com quais objetivos.

2. A música na sala de aula

De acordo com Sant’Anna (1987, p.99), os textos de música popular brasileira passaram a ser estudados rotineiramente nos cursos de Literatura de nossas Faculdades de Letras, a partir de 1967. Como afirma o autor,

isto se deveu a uma expansão da área de interesse dos professores e alunos, e a uma confluência entre música e poesia que cada vez mais se acentua

desde que poetas como Vinícius de Moraes voltaram-se com força total para a música popular e que autores como Caetano e Chico se impregnaram da literatura.

A música contribui para o desenvolvimento cognitivo e emocional da pessoa humana, segundo Pfitzenreuter (1999, p.5). O aluno que tem a oportunidade de fazer experiências musicais amplia a sua forma de expressão e de entendimento do mundo em que vive, dessa forma, possibilita o desenvolvimento do pensamento criativo.

Para o professor fazer um bom uso das músicas em sala de aula é necessário conhecer o contexto em que foram escritas. Deve-se ter em mente que todas as composições estão inseridas numa atmosfera ideológica, a qual deve ser compreendida e trabalhada em sala de aula. Além disso, as letras e melodias musicais expressam reações, sentimentos e pensamentos de quem as compõe, características de determinado período da história da sociedade. Estas dimensões podem e devem ser aproveitadas pelo professor com o objetivo de despertar em seu aluno a consciência crítica e a sensibilidade à música. Pode inclusive aproveitar a realidade musical local e promover uma integração escola e comunidade.

Através de “canções, o aluno explora o meio circundante e cresce, do ponto de vista emocional, afetivo e cognitivo. Assim ele cria e recria situações que ficarão gravadas em sua memória e que poderão ser reutilizadas quando adultos” (PFÜTZENREUTER, 1999, p.5).

Por isso, o trabalho com música deve ser cauteloso sendo importante que o professor a use não somente para trabalhar gramática, mas em outras áreas da língua como produção de texto, interpretação crítica, promover discussões sobre os temas presentes nas letras ou mesmo descontração.

Fernandes (1993) analisa o som (música) e a imagem no âmbito do ensino de Geografia. Mesmo tendo a especificidade de uma área do conhecimento, o professor nos aponta três paradigmas curriculares, baseado nas contribuições de Domingues (1986), que possibilitam a compreensão dos fundamentos teóricos que norteiam a reflexão acerca da comunicação verbal e visual, participação e reflexão. Ainda que o autor esteja preocupado com o som e a imagem, ou seja, com a utilização dos recursos audiovisuais em sala de aula, todo o debate circula em torno da seleção de um tema para ser trabalhado em sala de aula, seleção de uma mú-

sica, debate sobre o conteúdo da mesma e a relação com o cotidiano dos alunos, contribuindo assim com o processo de construção de conhecimento.

Quanto aos paradigmas, são os seguintes: O primeiro é o *técnico-linear*, cujas características são presença marcante do livro didático, orientação pedagógica a partir do planejamento presente no próprio livro, assim como o tipo de avaliação, geralmente baseada na utilização de questionários e tendo o controle central do professor. Como afirma Fernandes,

sem a possibilidade de movimento o professor será obrigado a trabalhar por partes. Essa forma mecânica de conceber a educação também separa o objeto do conteúdo que, por sua vez, são separados da metodologia e da avaliação. Esta postura se considera neutra frente aos fatos. Não se discute a dimensão política da educação. Oculta as relações de poder e não discute as questões sociais (1993, p. 3).

É possível inferir que no campo da Língua Portuguesa, o trabalho com a música no contexto deste paradigma estaria muito mais atrelado à ilustração e memorização de estilos, de formas gramaticais etc, do que às reflexões que a música propicia, bem como o contexto histórico em que foi criada e quais influências exerceu.

O trabalho com a Língua Portuguesa vem sofrendo transformações assim como as demais áreas do conhecimento. Há predomínio de uma fase denominada de transição paradigmática, na qual as metodologias, o processo de seleção de conteúdos, o processo de avaliação, os objetivos da educação estão sendo repensados. Há um processo de construção democrática em andamento no país, no sentido de aprimoramento de práticas sociais e culturais, dentre elas, a prática educativa. Assim, supõe-se que o paradigma técnico linear esteja sendo superado aos poucos, nas escolas.

O segundo paradigma trata-se do *circular consensual*, cujas características são: o professor leva em conta as características e necessidades dos alunos e os recursos presentes na escola, também, a avaliação, metodologia e seleção de conteúdo pautam-se nas condições de existência dos alunos. Trata-se do trabalho com o conteúdo resultante das experiências de vida dos alunos, o professor acompanha o processo, mas não interfere na realidade, como afirma Fernandes. O professor entende que a escola está inserida na sociedade e que aquela somente se modificará

perante a modificação da sociedade. Há um limite neste paradigma, que é o pensar que as modificações devem surgir do exterior para o interior da escola. Assim, as músicas, no âmbito da Língua Portuguesa estariam sendo utilizadas com o intuito de estabelecer relações com o cotidiano e experiência dos alunos, mas pouco contribuiriam com mudanças nas concepções de mundo, de sociedade e de cidadão entre os alunos. O terceiro paradigma, é denominado de *dinâmico dialógico*, com as seguintes características: o professor tem clareza de que a escola é o espaço privilegiado para o debate e construção de conhecimentos. A pesquisa é uma atitude constante no contexto deste paradigma, assim como a problematização de conteúdos já sistematizados ou aqueles relacionados à realidade local. Os conteúdos, metodologia e avaliação são entendidos como processo e planejados de forma que o todo e as partes estejam em constante relação. Neste contexto, o som e a imagem podem ser utilizados na problematização do cotidiano e na formação do cidadão. Aqui está a diferença central, a música pode ser utilizada com a finalidade de pensar processos de transformação social, bem como elemento fundamental na elaboração de conceitos fundamentais para a área do conhecimento focalizada.

Diante do exposto, cabe ao professor estabelecer opções no desenvolvimento da prática pedagógica, assim como diz Freire (1997), o ato educativo é um ato político e, portanto, a todo o momento, os sujeitos são obrigados a fazerem opções. O professor poderá optar pelo desenvolvimento de um ensino com características mnemônicas ou um ensino baseado no diálogo e problematização, o que requer uma atitude de investigação contínua.

3. A música e o contexto social

As atitudes, valores e pensamentos da sociedade são o reflexo do contexto vivido. E a música, como toda Arte, expressa valores e pode ser um meio de analisar e entender as transformações sociais políticas e culturais ocorridas no mundo. Desde a Idade Média, época em que os trovadores faziam suas cantigas amorosas, satíricas e de escárnio, até os dias de hoje, percebe-se a influência do contexto. Como afirma Medina (1973, p.17), “qualquer grupo humano necessita dispor de símbolos que expres-

sem seus valores, precisa de cânones aceitáveis e aceitos de interpretação da realidade vivida”.

A música é uma forma de expressão e os compositores em suas letras colocam um pouco de si mesmos, seus valores, pensamentos, sentimentos, sua maneira de ver o mundo, suas ideologias. Uma prova disso são as músicas: Roda Viva; Cálice; Alegria, Alegria; Domingo no parque; Caminhando (Pra não dizer que não falei de flores).

Medina afirma ainda que embora letra e música não andem isoladas, é a análise da letra que permite o exame de caráter social. “Nessas letras deve-se encontrar valores expressos, embora não seja isso, necessariamente, uma razão para que sejam ouvidas” (1973, p.22). Hoje pode-se perceber a influência do contexto nas músicas de Gabriel “O Pensador”; no *funk*, que mostra a maneira como a sociedade vê o corpo feminino e a própria mulher; no *tecno*, que surgiu juntamente com a expansão da tecnologia; na música dos presidiários, que descreve sentimentos e situações da vida que levam nas prisões, entre outros.

Pensando a situação das composições musicais atuais, vê-se a importância do professor tentar mostrar a influência que o meio exerce na música, para que seus alunos aprendam a discernir sobre o que tem qualidade ou não, pensar a realidade em que vivem, desenvolvendo a criticidade e evitando que tornem-se pessoas alienadas, meros consumidores do que a mídia e os sistemas de comunicação de massa lhes impõem.

4. Análise de livros didáticos

Assim como a metodologia de ensino sofreu modificações, os livros didáticos vêm acompanhando essa evolução. Até a década de 1980 observa-se que os livros traziam o conteúdo em blocos separados como é o caso do livro de Massaro [1985 ?]. O livro vem dividido em três partes: textos, redação e gramática. Não há presença de músicas. A partir da década de 1990, alguns livros mudaram a sua estrutura e passaram a trazer a gramática e a redação contextualizadas. As músicas foram aparecendo lentamente. No livro de Cócoco et al. (1995) há duas músicas: O que será (À flor da pele) de Chico Buarque de Hollanda e Blowin' in the wind (Soprando no vento) de Bob Dylan, sendo esta última com versão em

inglês e português.

Os livros atuais vêm incluindo cada vez mais a música como recurso didático, trazendo questões e problemáticas contemporâneas com o intuito de “dinamizar as ações educacionais e melhorar as interações professor, aluno e objeto de conhecimento” (SILVA; BERTOLIM e OLIVEIRA, 1999, p.3).

Inserindo as músicas, os autores visam não apenas apresentar uma metodologia diferenciada como também propor discussões sobre temas sociais. As músicas são usadas inclusive para o ensino de Literatura para a 8ª série, uma vez que há músicas repletas de figuras de linguagem (metáfora, metonímia, hipérbole, antítese) e o professor pode fazer comparações entre as composições e as obras feitas no mesmo período.

Em análise realizada nos livros de Frascolla et al. (2001) e Silva et al. (1999), constatou-se o seguinte: as músicas podem aparecer como um incentivo para a interpretação de texto, estudo gramatical e literário, para reflexões de problemas sociais (desigualdade social, discriminação, preconceito...); como também podem aparecer apenas com o intuito de enriquecer o tema proposto no capítulo (uma leitura diferente).

Os ritmos são os mais variados possíveis, levando o aluno a conhecer um repertório variado. Embora alguns livros ainda permaneçam com a estrutura tradicional (interpretação, gramática e redação) essa proposta de inserir músicas pode trazer discussões muito válidas para a sala de aula, proporcionando uma aprendizagem significativa ao aluno.

Assim, é possível constatar que o conteúdo dos livros didáticos sofrem transformações concomitantes à dinâmica societária. Houve um tempo em que o livro didático era um instrumento (único) de transmissão da ideologia oficial, quando predominava o ensino mnemônico; repetição de conteúdos no processo de avaliação, enfim, um ensino baseado nas características da chamada educação tradicional (centralizada no professor, no livro, no questionário etc) ou bancária, como denominada por Freire (1987). Nos dias atuais, pensando a década de 1990, na continuidade do processo de democratização do país, novas práticas sociais, culturais e educativas são demandadas, também no âmbito do ensino formal, assim, temos inúmeras propostas curriculares, Parâmetros Curriculares Nacionais e livros didáticos com diferentes características. É possível inferir uma mudança de paradigma no campo educacional, onde desenvolvem-se alternativas metodológicas com o intuito de problematizar te-

mas do cotidiano e de exercitar a autonomia do educador e educando. Trata-se de um processo ainda incipiente, mas que está em andamento, mesmo convivendo com práticas tradicionais de educação (momento de ações híbridas no campo educacional). Neste contexto, o trabalho com a música possibilita a interpretação, criação e reflexão acerca da sociedade e da ação humana.

5. Os professores de Língua Portuguesa: percepções acerca do trabalho com a música em sala de aula

As entrevistas foram realizadas com professores de escolas públicas e particulares da 8ª série do Ensino Fundamental, no mês de novembro de 2001. A pesquisa envolvia questões como o gosto musical do professor, quais as músicas que costuma ouvir e também questões sobre o seu trabalho pedagógico – se já utilizou a música como recurso didático, se a experiência foi produtiva e como os alunos manifestaram interesse ou não pelo conteúdo trabalhado. Questionou-se também quais os títulos que poderiam ser trabalhados com alunos de 8ª série e com quais objetivos.

Foram entrevistados professores que atuam há aproximadamente 15 anos nas escolas, destes, metade dedicado ao ensino na 8ª série. Os professores afirmam que ouvem música como forma de descontração, apreciação, reflexão e até mesmo companhia, uma vez que a música é a mais popular das artes, se manifesta em todas as camadas sociais.

Indiferente de profissão ou camada social a música está presente no cotidiano de todos. Dependendo do ambiente e da vivência musical “há mesmo quem chegue afirmar que o som do mar, com as ondas batendo umas nas outras, na areia ou nas rochas, ou o som do motor de uma motocicleta são “verdadeira música” para seus ouvidos” (FERREIRA, 2001, p.9).

Os entrevistados também colocam que “o professor pode conseguir fazer com que o aluno perceba que além do ritmo, da melodia, existe a ‘letra’ a qual é manifestação poética, às vezes até de denúncia, de crítica e insatisfação pessoal”. A música usada como recurso didático ainda favorece a “expressão oral quando cantada com os alunos, ajudando a desinibir e acalmar os mais agitados”.

Um professor sugere para seus alunos que produzam um programa de rádio gravado bimestralmente. Cada equipe organiza sua rádio produzindo paródias, *jingles* e propagandas. Dessa forma a participação dos alunos é efetiva e atinge a todos, há a preocupação da superação dos objetivos combinados a cada nova rádio apresentada. O intuito do professor ao propor esse trabalho é desenvolver a oralidade, a criatividade e as noções básicas da publicidade: atingir o público alvo, anunciar e chamar a atenção do consumidor. Além disso, objetiva despertar para a veracidade das propagandas, até que ponto vale a pena *exagerar* na descrição do produto (uma questão ética e de cidadania, como os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais sugerem) e a ideologia passada em forma de mensagem implícita ou explícita.

Os professores mostraram-se unânimes com relação à idéia de que há maior participação dos alunos em sala de aula quando são desenvolvidos trabalhos com músicas. Segundo um entrevistado o trabalho com música “aproxima os alunos do professor que passam a encará-lo de maneira mais amiga e calorosa”, outro afirma que “os alunos continuam cantando as músicas mesmo quando não solicitado, é incrível como eles memorizam com facilidade as regras, que depois serão trabalhadas nos textos”.

Outra questão proposta diz respeito aos títulos que podem ser trabalhados com alunos de 8ª série. Entre as músicas citadas aparecem: Um homem também chora, Operário em construção, Pais e filhos, MetrÓpole, Pela internet, Fora da ordem, Meu guri, Brasil, Comida, Ideologia. Percebe-se nessa relação que os professores estão preocupados em levar à sala de aula músicas de boa qualidade mas que também motivem os adolescentes com “sons e ritmos de sua preferência”.

Nessa questão da entrevista, houve pontos divergentes entre dois professores quanto ao título/estilo a ser trabalhado. Os dois concordam que todos os estilos podem ser usados, no entanto, um deles acredita “que a escola deve oferecer ao aluno algo diferenciado e mais profundo em relação ao que ele é acostumado a ter na sociedade”, pois “se não colocarmos o aluno em contato com Chico, VinÍcius, Tom, Gil, Caetano, Mozart, Beethoven... quem colocará?”. O outro professor mencionado usa todos os estilos, mas não com ênfase na interpretação de texto, e sim, para liberar sensações (usando tecno), reflexões sociais (funk) que serão usadas na produção de textos.

Certamente, as duas experiências são válidas em momentos diferentes da aprendizagem, entretanto, é necessário ressaltar a importância das músicas na interpretação do contexto em que foram escritas e analisar a sua atualidade, como citou o primeiro professor.

Na entrevista, também foi perguntado sobre os procedimentos a serem adotados. Um dos procedimentos mencionados sugere iniciar o trabalho com sons e ritmos da preferência dos adolescentes e depois introduzir outros ritmos. Na outra entrevista, a resposta foi separada em três estilos: música clássica – “ouve-se a música, tipo relaxamento, faz-se um desenho da primeira sensação ao ouvi-la, só então parte-se para a produção de texto”; músicas contemporâneas – “leitura da letra, canta-se e depois passa para a gramática” e músicas antigas – “análise de vocábulos arcaicos”.

Os professores dizem ainda que consideram válido trabalhar estilos diversos, como forma de análise crítica e comparativa (não só no que diz respeito à estrutura: vocabulário, variação lingüística...). Deve-se promover pesquisas e debates de letras que se relacionem pela temática, usando-as para contextualizar o ensino de regras gramaticais, como ponto de partida para a produção textual.

Essas entrevistas foram válidas pois vieram confirmar algumas hipóteses levantadas e trouxeram também novos questionamentos. Alguns professores afirmam que o adolescente não gosta dos compositores “consagrados” da Música Popular Brasileira. Mas será que ele continuaria pensando da mesma maneira se conhecesse o contexto, o porque das temáticas?

Esse trabalho do professor é muito importante visto que a qualidade musical dos jovens tem decaído com músicas que não incitam questionamentos sobre a sociedade. Através da análise do conteúdo e do contexto no qual as músicas foram elaboradas, há a possibilidade do professor levantar debates e discussões muito interessantes em sala de aula suscitando interrogações e possibilitando a construção e a assimilação de conhecimentos.

6. Considerações finais

Foi possível constatar que desde seu aparecimento em livros didáticos, na década de 1980, a música tornou-se uma constante nesses materiais. No entanto, há professores que apenas lêem as letras não aproveitando a melodia da música e outros que ignoram o seu uso por ser “traba-

lhoso” ou as músicas serem de difícil acesso. Apesar disso, os professores formalmente entrevistados confirmaram a aplicabilidade da música no ensino de Língua Portuguesa, reforçando que os alunos ficam mais interessados e participativos.

Chama-se a atenção para o fato da Música Popular Brasileira reportar-se a questões históricas e sociais. Ou seja, essa vertente musical, apoiada em denúncias e fatos que envolvem lutas políticas por uma sociedade mais justa, caracteriza a situação brasileira nas últimas décadas. Assim, a utilização da música pode ajudar a enriquecer o trabalho pedagógico, facilitando a compreensão dos fatos históricos e a formação de “sujeitos críticos” – atitude tão reforçada nas propostas curriculares e Parâmetros Curriculares Nacionais.

O professor, juntamente com o seu aluno, deve usufruir desse recurso trocando idéias. A música é uma arte que proporciona interesse a todos, conseqüentemente vai dar espaço a um entrosamento professor/aluno, mudando a rotina da sala de aula.

O que foi possível constatar com a pesquisa, em termos dos paradigmas curriculares, é que há uma transição paradigmática em processo e que alguns professores demonstram um trabalho na trilha do paradigma dinâmico dialógico enquanto que outros estão presos ao paradigma tecno-linear, uma herança do predomínio das práticas educacionais tradicionais no país.

Recebido para publicação em outubro de 2002.

Aceito para publicação em dezembro de 2002.

ABSTRACT

This paper is the result of a research carried out at Elementary Schools in Ponta Grossa, in Portuguese classes, involving 8th grade students. The aim of this study is to show how teachers use music at the schools, as well as to verify in which way music is presented in text books. We were able to establish that music has been used both in traditional and in critical ways, which indicates that there is a process of paradigmatic transition going on.

Key words: music; classroom; teaching

REFERÊNCIAS

- 1 CÓCCO, M. F.; HAILER, M. A. **ALP - Análise, linguagem e pensamento**. 8ª série. São Paulo: FTD, 1995.
- 2 FERNANDES, B. M. Som e imagem no ensino de Geografia. Presidente Prudente, 1993. **Mimeo**.
- 3 FERREIRA, M. **Como usar a Música na aula de aula**. São Paulo: Contexto, 2001.
- 4 FRASCOLLA, A.; FÉR, A. S.; PAES, N. S. **Lendo e Interferindo**. 8ª série. São Paulo: Moderna, 2001.
- 5 FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. Ed. RJ: Paz e Terra, 1987.
- 6 _____. **Pedagogia da Autonomia**. RJ: Paz e Terra, 1997.
- 7 MASSARO, A. Português: **Construindo a linguagem**. 8ª série. São Paulo: IBEP, [1985 ?]
- 8 MEDINA, C. A. **Música Popular e Comunicação: um ensaio sociológico**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- 9 PFÜTZENREUTER, P. A. Experiências musicais. **Revista do Professor**. Porto Alegre, v.15, n.59, jul/set 1999.
- 10 SANT'ANNA, A. R. **Música popular e moderna poesia brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- 11 SILVA, A.S.; BERTOLIN, R.; OLIVEIRA, T. A. **Tecendo Textos**. 8ª série. Coleção Novo Tempo. São Paulo; IBEP, 1999.